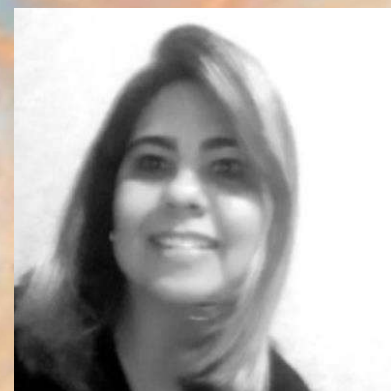


A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL EM SALA DE AULA

THE IMPORTANCE OF CHILDREN'S LITERATURE IN THE CLASSROOM



ANTONIA SOUSA ALVES GUSMÃO

Graduada em Pedagogia pela universidade Estácio de Sá (2009); Graduada em Letras pela Universidade Metropolitana de Santos (2014); Especialista em Docência e Pesquisa para o Ensino Superior pela Universidade Metropolitana de Santos (2016); Especialista em Psicopedagogia Clínica e educacional pela Universidade Nove de Julho (2011); Especialista em Psicometricidade pela universidade São Luís em (2021) Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo.

RESUMO

Esta pesquisa investigou a importância da literatura infantil em sala de aula, com enfoque nos contos de fadas, a importância da contação de histórias e de que maneira elas podem beneficiar o desenvolvimento cognitivo e social, e como essa arte de contar histórias pode contribuir na vida pessoal e escolar das crianças. Os estudos de Cunha (2006), Bettelheim(2004), Faria (2008), Abramovich (1999), Matos e Sorsy (2009), entre outros, foram utilizados como aportes teóricos para o desenvolvimento da investigação.

Palavras Chaves Literatura Infantil; Contação de histórias; Contos de fadas.

ABSTRACT

This research investigated the importance of children's literature in the classroom, focusing on fairy tales, the importance of storytelling and how it can benefit cognitive and social development, and how the art of storytelling can contribute to children's personal and school lives. The studies of Cunha (2006), Bettelheim (2004), Faria (2008), Abramovich (1999), Matos and Sorsy (2009), among others, were used as theoretical contributions to the development of the research.

Keywords Children's literature; Storytelling; Fairy tales.

OBJETIVO GERAL

Conhecer técnicas para o desenvolvimento de uma boa leitura aprimorando as formas de contar histórias

OBJETIVO ESPECÍFICO

Demonstrar a necessidade da contação de histórias, em sala de aula e como essa arte pode contribuir beneficentemente para o desenvolvimento pessoal e escolar da criança:

- Identificar personagens de contos de fadas
- Identificarem os contos pela linguagem típica dos mesmos;
- Ampliar as possibilidades de movimentos;
- Desenvolver a linguagem oral;
- Ler, ainda que de forma não convencional;

JUSTIFICATIVA

Os contos estão envolvidos no maravilhoso mundo das crianças e partem de uma situação real e concreta, para proporcionar emoções e vivências significativas. Neste gênero aparecem seres encantados e elementos mágicos pertencentes a um mundo imaginário que todas as crianças se encantam. Por meio de linguagem simbólica dos contos, a criança vem a construir uma ponte de significação do mundo exterior para seu mundo interior, aprendendo valores, refletindo sobre suas ações, desenvolvendo seu senso crítico, sua criatividade, sua expressão e linguagem.

PROBLEMA

Levando em conta que há necessidade de formar leitores em nosso país e procurando resgatar valores que foram perdidos com desestruturação familiar, pretendemos investigar como os professores devem proceder no desenvolvimento da leitura, aprimorando as formas de contar histórias.

INTRODUÇÃO

A leitura é essencial para a natureza humana e, por meio dela, pode-se mergulhar em aventuras e universo desconhecido. Ouvir os contos de fadas permite que a criança seja inserida num contexto que mistura fantasia com realidade de modo a simular situações conflitantes e cheias de aventuras.

Os contos de fadas descrevem acontecimentos imaginários, mas são imagens que espelham o que se passa dentro da alma humana. Por possuírem um caráter lúdico e, além de fascinar as crianças com sua magia, brilho e encanto, possibilitam também uma maior aproximação delas com o texto, facilitando assim o trabalho com a estrutura narrativa. A forma como a história é narrada faz diferença no seu resultado. Quando os contos são narrados de forma criativa e envolvente, é como se a criança bebesse da poção mágica do conto e fosse transportada para um mundo encantado onde tudo é possível, onde sempre haverá em seu caminho os protetores com poderes miraculosos que a ajudarão a reverter uma situação negativa.

A LITERATURA INFANTIL E OS CONTOS DE FADAS

De acordo com Cunha (2006), a história da literatura infantil começa a delinear-se no início do século XVIII. Percebe-se que nessa época ocorrem mudanças na estrutura da sociedade, quando as crianças passam a ser considerado um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias.

Diante disso, vê-se que há necessidade de se criar uma literatura adequada para jovens e crianças. Cabe ressaltar que havia uma diferença entre as crianças da nobreza e as das classes desprivilegiadas: as da nobreza eram orientadas por preceptores, liam geralmente os grandes clássicos, enquanto as crianças das classes desprivilegiadas liam ou ouviam as histórias de cavalaria, de aventuras, sendo que as lendas e os contos folclóricos formavam uma literatura de cordel, no século XVII de grande interesse das classes populares

Dessa forma, houve uma valorização da imaginação e da fantasia. A criança deixa de ser considerada um adulto minimizado, tornando-se um ser que merece uma educação especial que a preparará para a vida adulta. Os grandes educadores da época assumem o compromisso de uma literatura formativa para crianças e jovens e não simplesmente como produto gratuito com o intuito de entretenimento, sem uma devida importância, ficando evidenciada a estreita ligação da literatura infantil com a pedagogia.

Surgem então duas tendências: a adaptação dos clássicos e do folclore. Houve a apropriação dos contos de fadas, Perrault e depois os irmãos Grimm, colecionadores dessas histórias folclóricas, ligados à gênese da literatura infantil, com seus personagens, elementos mágicos e fantásticos, tiveram seus contos publicados e adaptados tantas vezes que hoje seus relatos apresentam muitas modificações.

Segundo Cunha (2006), a literatura infantil tem início no Brasil com as adaptações de produções portuguesas que demonstravam as dependências típicas das colônias. Na fase inicial, era representada em especial por Carlos Jansen nos **Contos Seletos das Mil e Uma Noites** e outros autores como Figueiredo Pimentel (**Contos da Carochinha**), Coelho Neto, Olavo Bilac (**Contos Pátrios**) e Tales de Andrade (**Saudade**).

Mas foi com Monteiro Lobato que a Literatura Infantil se iniciou de fato no Brasil. Com histórias especialmente para crianças, fazendo com que a literatura infantil brasileira ganhasse corpo e definição, **Reinações de Narizinho** e **O Sítio do Pica-pau Amarelo** mostram um mundo encantado, que mistura fantasia e realidade, com incríveis aventuras. Dentre seus personagens estão: Dona Benta, avó, inteligente, compreensiva, carinhosa; tia Anastácia, , criadora, ativa, lúdica, detentora do saber popular; os netos de Dona Benta: Pedrinho e Narizinho, que não são irmãos, mas primos, e moram na mesma casa; a boneca falante de pano, Emília; Visconde de Sabugosa, um sabugo de milho; o porco Rabicó e um burro falante.

Além das obras marcadamente didáticas, Lobato escreveu outras obras explorando o folclore ou de pura imaginação. Nelas, percebe-se um questionamento e uma inquietação intelectual, pois o autor tinha muita preocupação com as questões nacionais. Sua literatura infantil marcou gerações e introduziu milhares de criança ao universo literário dos contos de fadas, como o conto da “Branca de Neve” e outros contados por Dona Benta ou tia Anastácia.

OS CONTOS DE FADAS

De acordo com Bettelheim (2004), a maioria dos contos de fadas se originou em períodos em que a religião era parte muito importante da vida. Pode-se observar que muitas histórias da bíblia são da mesma natureza que os contos de fadas e que uma grande quantidade de contos de fadas ocidentais tem conteúdos religiosos.

As histórias das **Mil e Uma Noites** estão cheias de referências à religião Islâmica e algumas histórias dos Irmãos Grimm contêm ou começam com alusões religiosas. No entanto, a maiorias dessas histórias são negligenciadas atualmente, pois, para W. Disney esta não desperta uma associação universal e pessoalmente significativa.

Durante muito tempo, os contos de fadas foram desprezados e banidos, pois muitos achavam que estes eram selvagens, falsos e cheios de crueldade, além de altamente dramáticos, portanto, poderiam trazer malefícios à criança, afastando-a da realidade, por meio das mágicas e de fantasias. É importante deixar claro que o real a que comumente os adultos se referem é o externo compreensível na percepção adulta; por outro lado, o conto de fadas fala de um mundo bem mais

real para as crianças. Isso fica evidenciado quando situamos as histórias como “Na terra do nunca” ou no “Era uma vez um país muito longe...”. O que se mostra é que não se trata do aqui, nem do agora da realidade adulta, mas de um território fora do tempo e do espaço.

Depois que psicanalistas, sociólogos e psicólogos, por volta do século XIX tiveram como fonte de estudos os contos de fadas e cada qual dando a sua interpretação e aprofundando-se no seu eixo de interesse, foi a partir desse estudo que a psicanálise desmistificou a “inocência” e a “simplicidade” do mundo da criança, e os contos de fadas voltaram a ser lidos e discutidos.

AUTORES E OBRAS

Charles Perrault (1628-1703), célebre pela participação que teve na Querela dos Antigos e Modernos e autor dos contos de fadas que imortalizaram o seu nome: “A Bela Adormecida”, “Chapeuzinho Vermelho”, “O Barba Azul”, “A Gata Borralheira” e tantos outros reunidos no livro **Contos da mamãe gansa...**

O mérito do escritor foi ter fixado numa forma simples e elegante os contos tradicionais. O real e o maravilhoso harmonizam-se de maneira perfeita. Em sua obra vasta, “A Gata Borralheira” (ou “Cinderela”) é o símbolo da personagem humilhada e maltratada. O Pequeno polegar é o anão astuto que vence o gigante bobo. Os seus personagens se armam com os atributos de inteligência e da perspicácia para vencer a força bruta, ou seja, seu opressor. Em seus contos, os personagens são os mais estereotipados: a madrasta, o lobo e os irmãos mais velhos são sempre maus. Perrault utiliza o confronto dualista entre bons e maus, belos e feios, fracos e fortes. Não raro, os personagens que representam as classes discriminadas se tornam superiores à nobreza.

Jacob e Wilhelm Grimm (entre 1785 e 1863), os Irmãos Grimm, apaixonados por contos de fadas tiveram a mesma ideia de Perrault e, depois de muitas pesquisas, por volta de 1806, tiveram acesso a uma coletânea de poesias populares que provocaram entusiasmo nos mesmos devido à ingenuidade daqueles poemas, que foram transmitidos oralmente de geração a geração, estes os incentivaram a reunir e a escrever os contos tradicionais. Foram os Irmãos Grimm que revelaram ao mundo personagens como Branca de neve, Rapunzel e João e Maria, sendo este último o nome de um dos muitos contos de fadas em que dois irmãos são companheiros, um ajuda o outro a alcançar o sucesso. Devido à cooperação de ambos, encontram o caminho e de que forma podem transcender a dependência imatura dos pais e alcançar os níveis seguintes e mais altos de desenvolvimento. Em 1812, publicaram uma coletânea com 86 contos, seguida, dois anos depois, de uma outra, que reunia mais de setenta contos. Os Irmãos Grimm percorreram toda a Alemanha, pesquisando, conversando com muitas pessoas para reunir todos essas histórias.

Hans Christian Andersen (1805-1875) foi um escritor de extraordinário talento para criar infantis, levando em consideração a sensibilidade exaltada pelo romantismo. Era pobre, meio desajeitado e alto demais para sua idade quando criança. Há a hipótese de que, ao escrever "O patinho feio", o autor tenha se inspirado em sua própria infância. Dotado de um extraordinário talento, criou encantadores contos infantis, que estimularam a imaginação de muitas crianças e adultos, os quais lhe propiciaram um reconhecimento mundial.

A FANTASIA E A PERSONALIDADE DA CRIANÇA

Os contos de fadas mostram as razões, as motivações psicológicas e, enquanto diverte a criança, esclarece-a sobre si mesma e favorece o desenvolvimento de sua personalidade, levando a efeito à linguagem simbólica do inconsciente que está subjacente nos contos de fadas. Percebe-se que estes oferecem significados em níveis diferentes enriquecendo a existência da criança, oferecendo-a as respostas, no início mesmo da história, por exemplo: o conto "Ali Babá e os Quarenta Ladrões" começa com "em dias de outrora"; "em tempos e épocas longínquas...", as histórias dos Irmãos Grimm; "O Sapo Rei", "nos velhos tempos". Essas histórias ocorrem em tempos diferentes da realidade cotidiana e assim sendo, a criança tem a possibilidade de viajar nesse mundo imaginário e descobrir sentimentos importantes através da magia e da fantasia.

Para que uma história prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a curiosidade, mas para que possa enriquecer sua vida, deve estimular a imaginação e ajudá-la a desenvolver o seu intelecto, tornado claro suas aspirações e ansiedades e sugerindo soluções para conflitos existentes.

Para Cunha (2006), os contos de fadas, bem como a literatura das maravilhas, são especialmente adequados para crianças na fase de três a oito anos, pois nesta fase a criança não faz distinção do real e do imaginário, predominando nela a fantasia, o animismo - tanto quanto as pessoas, os objetos, têm para a criança, alma, reações. Cabe salientar que para a criança não existe diferença entre a realidade e fantasia, torna-se imprescindível então que a leitura a ser feita para ela nessa fase é a que também não faz tal distinção.

IDENTIFICAÇÃO DA CRIANÇA COM OS CONTOS DE FADAS

De acordo com Bettelheim (2004), os contos de fadas ajudam a criança a deparar-se com dilemas e ansiedades existenciais como a necessidade de ser amada, o medo de uma pessoa não ter valor, o amor pela vida e o medo da morte, sendo que as histórias a propiciam a oportunidade de exploração múltipla de sentimentos importantes, como tristeza, raiva, irritação, alegria. Percebe-se que tais

sentimentos provocam uma significância e, por meio da fantasia, podem ser transportadas para outro mundo, onde tudo pode acontecer - é o caminho pelo qual a criança pensa e experimenta o mundo.

Pelo exposto, pode ser visto que essas narrativas têm sua particularidade, pois são diferentes de qualquer outro tipo de literatura por propiciar à criança a descoberta de sua identidade e comunicação, também por sugerir experiências que são necessárias para o desenvolvimento do seu caráter. Conforme ela ouve a história, vai descobrindo que uma vida compensadora e feliz está ao seu alcance apesar das adversidades.

Essas histórias são apresentadas de um modo simples, caseiro, não fazem solicitações ao leitor, permitindo assim que até as crianças menores se sintam convidadas a atuar de modo específico e não permitindo que elas se sintam inferiores, pelo contrário, dão esperança para o futuro e oferecem a promessa de um final feliz.

Hoje, a maioria das crianças conhece esses contos apenas em versões adulteradas, privando-se de significados mais profundos que passam os originais. Essas simplificações dos contos transformam-nos em diversões vazias, versões como as dos filmes e espetáculos de TV. É importante deixar claro que cada elemento dos contos de fadas tem um papel significativo, e se for retirado ou atenuado vai impedir que a criança compreenda integralmente o conto; por esse motivo, de acordo com Abramovich (1991), há críticas ao que Walt Disney fez com os contos de fadas, ao “adocicá-los”, “pasteurizá-los”, ao retirar-lhes os conflitos essenciais, além de toda sua densidade, significado e revelação.

Nas narrativas dos contos de fadas, os personagens envolvidos na história são pessoas parecidas conosco, sendo “A bela e a fera” o conto de fada de alguém que partiu para conhecer o medo; “O pequeno Príncipe”, “O patinho feio” e “O soldadinho de chumbo”, também apresentam essas características. Os protagonistas envolvidos na trama da história, como “uma moça” ou “o irmão mais novo”, não têm um nome próprio, mas nomes gerais ou descritivos, e mesmo quando um nome próprio é atribuído aos protagonistas, como na história de “João e Maria”, o uso de nomes comuns se torna genéricos, valendo para qualquer menino ou menina.

O que se mostra é que nos contos de fadas os protagonistas são referidos como “pai”, “mãe”, “madrasta” e alguns são descritos como “um pobre pescador”, ou um “pobre lenhador”, “um rei” ou “uma rainha”, referindo-se a pai e mãe ou “príncipe” e “princesa”, para menino ou menina. Da mesma forma, aparecem as fadas e feiticeiras, gigantes e fadas-madrinhas, a todos não são atribuídos nomes, facilitando assim as projeções e identificações, permitindo uma ordenação na mente da criança, pois os contos de fadas procedem do mesmo modo que a mente infantil, propiciando à criança uma clareza superior, que pode emergir de toda essa fantasia.

Os contos começam de forma realista: uma mãe dizendo à sua filha para ir sozinha visitar a avó (“Chapeuzinho Vermelho”); ou os problemas que um casal pobre está tendo para alimentar suas crianças (“João e Maria”). Ouvindo estas histórias, a criança confronta-se com problemas e situações cotidianas e, por meio destas, é estimulada no seu aprendizado a compreender a complexidade de tais situações, transmitidas na linguagem de símbolos e não a da realidade cotidiana, embora estes contos possam começar com o estado psicológico mental da criança, fazendo emergir sentimentos, tais como rejeição em relação aos irmãos, como ocorre na história da “Cinderela”.

Cada conto de fadas é um espelho mágico que reflete alguns aspectos do nosso mundo interior e dos passos necessários para evoluirmos da imaturidade para a maturidade. Para os que mergulham naquilo que os contos de fadas têm a comunicar, esses se tornam lagos profundos e calmos que de início, parecem refletir nossa própria imagem.
(BETTELHEIM, 2004, p. 348)

Bettelheim (2004) alerta que para explicar a uma criança por que um conto de fadas é tão cativante para ela, aqueles que contam a história (geralmente, adultos) destroem, acima de tudo, o encantamento dela, que depende, em grau considerável, de a criança não saber absolutamente por que está maravilhada, levando a efeito a negação deste poder de encantar. Há ainda uma perda de potencial da história em ajudar a criança a emergir neste mundo de fantasia e por si só dominar e assimilar o problema que fez a história estimulante para ela. Partindo deste princípio, a interpretação adulta, por mais correta que seja, tira da criança a oportunidade de sentir que ela, por si só, após ouvir essas narrativas várias vezes, enfrente com êxito uma situação difícil, e encontre segurança e autoconfiança em sua vida.

Conforme exposto anteriormente, os contos de fadas falam de medos e, para que se possa compreender melhor, o exemplo a seguir ilustrará essa ideia. Segundo Abramovich (1991), um dos contos de Irmãos Grimm, traduzido por Ana Maria Machado, “O homem que saiu em busca do medo”, que faz parte do volume **Chapeuzinho Vermelho e outros contos de Grimm**, traz a história de um rapaz que quer aprender a se arrepiar e, para isso, enfrenta monstros, fantasmas, mortos, mas continua não sentindo o ambicionado calafrio. Depois de mil tentativas das mais tenebrosas e desafiantes, descobre que só sente arrepios quando lhe fazem cócegas.

Percebe-se que aquilo que pode provocar medo é diferente para cada pessoa, conforme o que percebe, o que enfrenta, o que realmente assusta ou não, como no conto “Os sapatos vermelhos”, de Andersen. É a história da menina Karen, bonita, delicada, pobre, descalça no verão e com imensos e pesados sapatos de madeira no inverno que a incomodam muito. Quando fica órfã, é recolhida por uma velha senhora e tanto faz que consegue enganá-la para que lhe compre sapatos vermelhos –

tão lindos, tão cobiçados, tão desejados, sapatos que parecem de baile, que fazem com que ela dance, e dance e dance sem poder parar, sem conseguir retirá-los dos pés. Recebe ordens categóricas dum anjo para não parar e, por isso, segue bailando, coberta de sangue, pois se movimenta sob árvores, espinhos, toco de madeira, cada vez mais exausta, mais dolorida e, quando o anjo ressurge, pede a ele que não a degole, apesar de ser culpada, mas que lhe corte os pés. Com pernas de pau e muletas, ela caminha inválida, doente, descobre ter sido perdoada e abençoada pelo anjo, pelas pessoas da aldeia e nunca mais pergunta pelos sapatos vermelhos.

De acordo com Abramovich (1991), há muito o que trabalhar com a criança a partir dessa história, os variados medos que estão presentes no dia a dia dela: medo do escuro, de injeção, de cachorro, de lobisomem, de ladrão, de ser reprovado na escola, temores esses reais ou imaginários relacionados à escola, medo do ridículo, medos estes com os quais todos convivem de um modo ou de outro e que se aprende a trabalhar e enfrentá-los de forma que se possa desviar, substituir, com os quais se aprende a conviver ou a lidar.

OS CONTOS DE FADAS E O AMOR

Segundo a autora Marina Colasanti (1997), o conto de fadas “Um espinho de marfim” mostra um amor absoluto entre uma princesa e um unicórnio. A partir da sequência, das aproximações e da incorporação dum todo sensorial (“ele tinha cheiro de flor porque comia lírios”), a escritora descreve situações de maravilhamento, de entendimento silencioso, buscando a plenitude do amor tão sonhado e almejado e finalmente alcançado integralmente.

Os contos falam desse amor em todos os aspectos e dimensões, abordam situações de descobertas, entregas e plenitudes, início e término, sofrimentos. De acordo com Abramovich (1991), Andersen alerta, com humor em “O menino mau”, nome dado ao Cupido (deus do amor, na mitologia grega), que flecha o coração das pessoas, fazendo com que os que são por ele flechados se apaixonem e vivenciem um grande amor. Em “O soldadinho de chumbo”, conta poeticamente a história de um soldadinho de brinquedo, com seu fuzil ao ombro, apaixonado por uma pequena linda e delicada bailarina que mora num belo castelo de papel (os dois, junto com outros brinquedos, vivem num cômodo da casa). Depois de ter sido posto num barco de papel pelos meninos, ter navegado, quase se afoga; ter sido comido por um peixe, volta para casa; é quando um dos garotos, num único gesto, o joga na lareira, onde o soldadinho se derrete olhando a suave bailarina que, num único passo, voa também para dentro da fogueira: “O soldadinho se derreteu, transformando-se numa bolinha de chumbo, e quando, no dia seguinte, a criada tirou as cinzas, viu que a bolinha tinha a forma de um coraçãozinho de chumbo. Da bailarina só restava a lantejoula queimada, preta como carvão”. (ANDERSEN, p.152)

Andersen, que se utiliza da sua sensibilidade e delicadeza, conta-nos também a triste e bela história “A pequena sereia” (ou Sereiazinha), passando em lugares encantados e mágicos do fundo do mar, na suntuosidade e opulência de alguns castelos da terra, em mares, ilhas, grutas. E entre esses cenários, a sereiazinha vive, cresce, descobre as dores, o sofrimento, as renúncias, o peso das resoluções e das escolhas, a morte que um grande amor causa, tudo tão intensamente vivido por ela, em seu imenso e totalizante amor pelo príncipe.

AS NARRATIVAS DOS CONTOS DE FADAS

De acordo com Bettelheim (2004), para que uma narrativa seja um conto de fadas, esta tem que atingir integralmente seus significados simbólicos e, acima de tudo, propiciar à criança significados interpessoais, devem ser contados, e se este for lido deve ser lido com um envolvimento emocional na história e na criança, com a empatia pelo que a história pode significar para ela.

Tendo em vista que a criança passa por vários estágios de desenvolvimento, apresentando características diferentes em cada fase, as histórias devem obedecer a uma imposição natural de cada fase desse desenvolvimento de uma maneira adequada e agradável, o narrador deve ter a sensibilidade para selecionar as histórias mais apropriadas ao estado de desenvolvimento da criança, as dificuldades específicas com que ela se defronta no momento.

Para Cunha (2006), nas narrativas para a criança, deve haver o drama bem como a movimentação. Devido à criança ser irrequieta, por natureza e não dispor de uma atenção demorada, ela pode se interessar pelos livros e, a todo o momento, fazer novas descobertas com fatos novos e interessantes, cheios de peripécias e situações, imprevistos, animando assim o espírito infantil.

Percebe-se, portanto, que não só o movimento físico, a ação das personagens, produz o dinamismo da história: é preciso uma boa técnica narrativa para criar a movimentação, a preocupação máxima de um narrador para crianças. De acordo com Cunha (2006), Monteiro Lobato nos lembra: “As narrativas precisam correr a galope, sem nenhum efeito literário”.

Assim a narração é mais satisfatória ao espírito infantil. Quanto às falas e aos pensamentos das personagens, o mais indicado é que essa apresentação seja através do discurso direto. O diálogo, predominante no conto em geral, torna-se indispensável para as crianças: ele atualiza a cena, tornando os fatos presentes cativando assim mais o leitor que o discurso indireto, que fica a cargo do narrador. Levando em conta tudo isso, se bem-feito e utilizando uma linguagem oral e adequada às características da personagem e a situação, o diálogo permite que a cena tenha um grande realismo.

É interessante ressaltar que as questões relativas às personagens são também muito importantes: como o número, o aparecimento, as oposições entre as personagens, suas características são pontos significativos que devem ser considerados dentro do conjunto da obra. Cabe salientar ainda que o desenvolvimento de uma história para criança é diferente de uma narrativa para adultos. Partindo desse princípio, vários processos usados num romance para adultos não podem ser empregados numa obra infantil, pois assim sendo, tornaria a narrativa inacessível à criança.

Pelo exposto, pode ser visto que é importante a narrativa linear, valorizando o tempo cronológico (e não o psicológico), sem cortes e voltas ao passado, ou a cenas paralelas. Os recursos narrativos mais adequados à criança costumam formar o conto ou o romance de ação, em que predomina a intenção de distrair. Para que a história seja interessante, deve ter um desfecho feliz, sendo esse um dos requisitos importante, sobretudo para as crianças mais novas.

No entanto, não queremos dizer que o final deva ser essencialmente feliz: por exemplo, em “Plantero e Eu”, o burrinho morre, porém seu dono encontra uma forma alegre de viver. Da mesma forma ocorre com Tistu, o menino do dedo verde, que também não fica com seus pais, mas encontra uma forma de não os magoar. O que se mostra é que a amargura não deve ser desenvolvida no espírito infantil.

OS CONTOS DE FADAS EM SALA DE AULA

Tendo em vista que os contos de fadas ocupam um lugar privilegiado na infância, é imprescindível que estes se tornem presentes no cotidiano da criança e que o professor os utilize como prática constante em sala de aula, como um recurso didático, possibilitando uma aprendizagem por meio do lúdico. De acordo com Abramovich (1991), ouvir histórias é o início da aprendizagem para a criança, possibilitando a formação de um futuro leitor, e ser leitor é um caminho infinitamente promissor, cheios de descobertas e de compreensão do mundo.

Segundo Cunha (2006), quando questionados sobre o que objetivam quando apresentam o livro para a criança, a resposta de pais e educadores é sempre a mesma: criar nos pequenos o hábito de ler, trazendo enriquecimento para a vida deles.

A resposta soa bem aos ouvidos, pois pode até haver um desejo genuíno de que esse objetivo se concretize, contudo, as escolas muitas vezes utilizam a prática de leitura de forma maçante. Assim sendo, há necessidade de a escola desenvolver formas ativas de leitura como lazer, as quais propiciem à criança o desenvolvimento criativo, crítico e mais produtivo, tendo a literatura um papel fundamental nesse aspecto.

De acordo com Faria (2008), para que o professor possa planejar seu trabalho com a leitura de livros para as crianças é necessário ler primeiro essas obras, como leitor comum, permitindo-se um envolvimento natural com o texto, deixando-se levar espontaneamente, sem pensar ainda na sua utilização em sala de aula.

O professor deve elaborar um roteiro para o ano letivo, levando em consideração na planificação de trabalho o número de horas (semanais, mensais) que pretende dedicar à leitura de narrativas e pensando nos momentos de leitura para crianças:

Propiciar um momento livre na biblioteca, em que os alunos se sintam livres para folhear livros, fazerem sua escolha, para que esta lhe permita sentir prazer pelas novas descobertas.

Promover aulas de leitura na sala com livros escolhidos tanto pelo professor quanto pelos alunos. Cabe ressaltar que se pode trabalhar com a estrutura narrativa dos contos de fadas desde a pré-escola, no entanto, é preciso ter cuidado e respeitar o estágio de desenvolvimento da criança sendo que, nos primeiros anos, depois que a narrativa foi lida para a classe, realizar perguntas baseadas nos três momentos da narrativa: como começa a história (personagens, nomes, situação inicial)? O que acontece para mudar esse começo? Que problema (dificuldade) aparece? O que as personagens fazem para resolver isso? Como conseguem? Como termina a história? Cabe a cada professor saber encontrar uma boa pergunta para esses passos das narrativas e sentir se os alunos já têm uma compreensão mais ou menos sólida dos três momentos da história.

De acordo com Coelho (1984), na fase da segunda infância, o que predomina na criança são a fantasia e a imaginação, sendo esta fase particularmente lúdica, e marcada pelo pensamento mágico. Os contos de fadas mais adequados para essa fase, por suscitar o imaginário, devem ter muitas imagens, pois a criança faz a assimilação da história e consolidação da linguagem, quando as palavras correspondem às figuras mostradas. Por este motivo, a natureza das ilustrações deve ser o mais realista possível, para que possa corresponder à verdade do que as histórias estão contando.

Partindo desse princípio, é de grande importância que os contos de fadas sejam trabalhados em sala de aula de maneira significativa, ou seja, livros que representem elementos do seu mundo familiar, portanto, segundo Coelho (1984), recomendam-se histórias que representem situações familiares, contos maravilhosos (contos de fadas), em que exista encantamento, como castelos, fadas ou bruxas. Ou talismãs que solucionam os problemas: reis, rainhas, princesas e príncipes, que representem o papel dos desejos básicos, como lealdade, amor, poder, beleza ou de lugares maravilhosos, um mundo encantado e de poderes fora do comum. Estes são os ingredientes, que aguçam o interesse da criança, dando-lhe possibilidades de torna-se uma futura leitora.

Algumas obras literárias para crianças conseguem agradá-las porque apresentam, segundo Cunha (2006), certas características que são importantes para o espírito infantil, possuindo recursos mais simples, mas não menos valiosos. As simplicidades da concepção nas obras infantis devem estar presentes também na linguagem escrita de maneira simples. Partindo desse princípio, o professor deve utilizar os contos de fadas como agente auxiliador no desenvolvimento intelectual e emocional da criança, já que estes estão de acordo com os critérios explicitados. Para melhor compreensão, a autora recorre à citação de Monteiro Lobato quando escreve a Godofredo Rangel:

Não imaginas a minha luta para explicar a literatura dos meus livros infantis. A cada revisão nova para novas edições, mato, como se mata pulgas, todas as “literaturas” que ainda as estragam. O último submetido a tratamento foram as “fábulas”. Como achei pedante e requintado! Dele raspei um quilo de “literatura”, mas ainda ficou muita. (LOBATO apud CUNHA, 2006, p. 71)

Cunha (2006) faz ainda, comentários sobre a ingenuidade de alguns escritores ao escreverem para crianças, achando que elas não perceberão ou compreenderão o significado da obra e o que está sendo informado e que até mesmo serão incapazes de perceber que o texto lido possui caráter moralizador. É interessante ressaltar que as obras que mais agradam são as que revelam o gosto pela vida e o humor, mas se as crianças forem muito pequenas, as ilustrações devem ser contempladas na criação e produção literárias para haver facilidade na identificação e entendimento, e o texto deve ser pequeno.

A formação do leitor na infância não pode prescindir de determinadas competências ligadas à compreensão do texto e, conseqüentemente, à satisfação que este pode proporcionar à criança. (POSLANIEC & HOUYEL apud FARIA, 2008, p.18)

FORMANDO LEITORES

Para que se possa compreender melhor a formação do leitor na infância é preciso conhecer alguns aspectos referentes às competências que as crianças trazem consigo, as quais provêm de duas fontes: a primeira, que diz respeito aos conhecimentos adquiridos no âmbito familiar, antes mesmo da alfabetização. A segunda é aquela que a criança pode adquirir na escola, por meio de atividades de leitura em geral, como em sessões livres em bibliotecas ou centros de culturas. Poslaniec & Houyel (apud FARIA, 2008) frisam quatro competências que as crianças já adquiriram antes da alfabetização: O domínio da língua oral: aos seis anos, as crianças já interagem no meio em vivem, utilizando-se da linguagem falada, conhecem algumas leis sintáticas básicas da língua - possuem um vocabulário concreto propício ao meio social onde vivem, compreendem o significado da entonação de frases e sabem discernir crítica, proibição, encorajamento.

A capacidade de associar uma palavra a seu referente, de associar situações como um gesto a um estado de espírito, uma expressão a uma emoção, fica claro então que essas competências são essenciais na leitura das imagens que se ligam à imagem do texto, assim sendo vai aos poucos aumentando o domínio da língua.

O conhecimento sobre os objetivos da leitura: por meio de seu conhecimento de mundo, a criança já traz em sua bagagem uma vivência social, contatos com textos escritos e imagens. Conforme Abramovich (1991), o primeiro contato da criança com um texto se dá pela voz da mãe, do pai ou dos avós, contando histórias, como contos de fadas, trechos da Bíblia ou com logotipos e marcas, com frases e palavras vistas na tevê, em cartazes de rua, em embalagens de produtos, etc., os quais lhe deram uma noção, mesmo inconsciente, sobre a função da leitura. Quando esta é bem aproveitada na escola, lhe propicia um desenvolvimento significativo motivando o seu desejo de aprender a ler e de construir para si um projeto de leitor.

Conhecimento intuitivo que a criança tem de que ler é compreender: Poslavic & Houyel (apud FARIA, 2008) afirmam que “a criança já sabe que, em um texto escrito há várias possibilidades de se descobrirem sentidos globais. Que ler é compreender e que não é uma mera operação de decifração”. A escola tem um papel fundamental, pois caberá a ela ampliar e propiciar um desenvolvimento nas competências que a criança traz em sua bagagem cultural, competências essas que a criança já possui antes mesmo da alfabetização, introduzindo-as no domínio de alguns aspectos literários, presentes em narrativas de livros infantis como os contos de fadas.

Para Abramovich (1991), as escolas devem promover efetivamente atividades de leitura, as quais propiciem para a criança o prazer, o deleite, a descoberta, o encantamento. Uma maneira significativa para trabalhar a leitura com as crianças é levá-las às livrarias, bibliotecas e deixar que ela possa manusear, folhear, buscar, achar, separar, rever, escolher, até se decidir qual livro lhe despertou maior interesse, aquele gênero que naquele determinado dia lhe desperta a curiosidade, a vontade e a inquietação.

Nesta perspectiva, o professor tem um papel fundamental na formação desse leitor, e para que possa promover essas atividades com eficácia, deve ler muito mais livros, conhecer os contos de fadas, ter, portanto, um comprometimento maior com a formação desse pequeno leitor. Cabe lembrar que o professor, muitas vezes, trabalha com um leque muito estreito de alternativas, conhece pouco de literatura infantil, apenas aqueles livros que a editora envia para a escola ou aqueles que são mais divulgados pelos autores. Pelo exposto, esses dois métodos não dão parâmetros para que, realmente, se chegue a acompanhar o que é publicado de relevante, de significativo, de bom. Pode-se observar que o critério reinante, na maioria dos casos, não é o da qualidade do livro, mas o da pronta entrega.

A partir disso, deparamo-nos com uma questão fundamental que se coloca em discussão: quais habilidades o professor deve ter e como os contos de fadas devem ser utilizados em sala de aula, para que possam efetivamente ajudar no desenvolvimento da criança? Percebe-se que são várias as maneiras de se trabalhar com contos de fadas em sala de aula, e para que se possa compreender melhor, explicitaremos alguns processos que auxiliarão o professor a utilizar esse recurso de maneira a favorecer o aprendizado do aluno e não trabalhar com as narrativas como simples leitura, de maneira imposta aos alunos e sem critério de escolha.

Os processos narrativos, segundo Coelho (1984), são: descrição, narração, diálogo, monólogo, dissertação, digressão, comentários. Sendo a descrição um processo pelo qual o narrador descreve, detalhadamente, objetos, ou seja, uma realidade parada no tempo, a descrição é a técnica do observador que por meio da percepção de quem está do lado de fora mostra fenômenos, focalizado como um espetáculo estático. A atitude narrativa possibilita que as coisas falem por si, permitindo que as crianças aprendam a ver as coisas, pela representação mental.

A narração é a técnica de expressão, em que o narrador relata um processo, do qual participa com envolvimento daquilo que está contando, porque se sente senhor dos segredos e de todo o dinamismo da cena em foco, é o recurso expressivo, utilizado em uma perspectiva ampla de visão. Sendo sua natureza dinâmica, essa técnica permite que o narrador substitua os fatos ou as situações em si pelo próprio discurso, podendo “representar” aquela situação, de acordo com sua consciência de narrador.

LENDO E CONTANDO CONTOS DE FADAS

A palavra contada não é simplesmente fala, é um conjunto de ações que, entremeando-se ao discurso, integra-se a ela, como por exemplo: o ritmo, a entonação, a expressão, o gestual, a expressão facial e até o silêncio. O valor estético da narrativa oral está na harmonia desses elementos. O que se mostra é que nesses, a função dos personagens é socialmente determinada (o rei, o príncipe, o velho sábio, o tolo), sendo as imagens sempre arquetípicas, enquanto no conto literário os personagens são mostrados em relação a sua própria identidade.

Na cultura escrita, os requisitos para julgar a beleza de uma narrativa estão na habilidade do autor em manejar as palavras com mestria para dispô-las na expressão literária. (MATOS E SORSY, 2009, p. 5)

Há diferença entre ler e contar um conto assim como existe uma diferença entre a palavra oral e escrita, pois quando a comunicação da palavra se dá pela oralidade, nosso centro de percepção é o auditivo e nos permite experiência da unidade, pois o corpo é toda uma unidade auditiva, já que

estamos dentro do campo sonoro. Isso pode ser percebido quando ouvimos uma música. Ela nos envolve, possibilitando uma integração numa só unidade entre o nosso corpo e o ambiente em que estamos.

O que se mostra é que o ato de ouvir bem como o ato de ler exercem sobre nós funções diferentes e, portanto, faculdades diferentes. É importante deixar claro que ambos (ouvir e ler) são experiências importantes. Ao trabalhar o conto com os alunos, o professor precisa saber que objetivo quer alcançar, ao apresentá-lo aos seus alunos, pois há momentos que é interessante formar grupos que possam interagir, desenvolver a sociabilidade favorecendo assim o sentimento de comunidade. A narrativa oral cumpre perfeitamente tal objetivo.

A arte do contador de histórias envolve expressão corporal, improvisação, interação com seus ouvintes, interpretação, enquanto o leitor empresta sua voz ao texto. Para que a contação seja mais envolvente para aqueles que a ouvem, utiliza-se dos recursos vocais. Para um contador de histórias, a memorização é importante, cabe lembrar que memorizar não quer dizer “decorar”, que significa “aprender de cor, sem assimilar”. Pelo contrário, os bons contadores são aqueles que têm perfeita assimilação daquilo que querem contar, apropriando-se da história de tal forma que esta permita que todos os seus sentidos possam ser aguçados e que todo o corpo possa expressá-la, comunicá-la naturalmente, como dito anteriormente, através de gestos, expressões faciais e corporais, entonação de voz e ritmo.

Um conto não deve ser descritivo como um romance, o contador deve sugerir imagem, possibilitando assim que o ouvinte possa imaginá-la e enfeitá-la ao seu modo. Porém, não deve exagerar nos detalhes, porque dispersa o ouvinte e impede que se concretize uma função importante do conto: a possibilidade de exercitar o seu próprio imaginário.

Partindo desse princípio, a utilização de imagens é muito significativa, pois na hora de descrever um personagem da história como, por exemplo, um “príncipe”, ao invés de enumerar as características físicas imaginadas de acordo com a construção de criação do personagem (“músculos”), pode-se utilizar metáfora e dizer que o “príncipe” era tão nobre, quanto um pôr-do-sol no outono. Ou relacionar seus atributos mais importantes na trama: se era corajoso, gentil, generoso ou até mesmo preguiçoso. O importante é saber dar vazão à fantasia criando detalhes que possam enriquecer a narrativa e prender a atenção do leitor.

Matos e Sorsy (2009) afirmam que os contos são excelentes para que os professores possam trabalhar projeto anual para os seus alunos, entretanto é preciso ter certos critérios, na hora de escolher as histórias, pois se deve levar em consideração, os interesses próprios de cada idade, para crianças pequenas, os contos curtos são os indicados, já que a capacidade de concentração ainda

não é muito desenvolvida, e também por elas se sentirem atraídas pelas coisas concretas que descobrem e conhecem no seu dia-a-dia, como pequenas histórias sobre animaizinhos de estimação, brinquedo que as rodeiam.

Para as crianças da pré-escola, são indicados contos simples que estimulem a contar (reconto), estes despertam o interesse da criança. É interessante se utilizar do apelo para a dramatização, salientando que não é o mesmo que teatralização, sendo que a mímica, a onomatopeia e as repetições ritmadas são bons recursos ao contar aos pequenos. O que se evidencia é que os contos se têm revelado um recurso extremamente eficaz, da pré-escola à universidade, afirmam Matos e Sorsy (2009). Tal recomendação é válida não só para professores, mas também para contadores, que direcionam o seu trabalho no público escolar.

Para crianças a partir dos 5 anos de idade, os contos indicados devem ser os que falam do comportamento e valores. Nessas histórias as criaturas mágicas e suas jornadas estimulam a imaginação e o sentido de fazer parte de uma comunidade, e são bem aceitos. Os contos de fadas podem ser introduzidos com uma estrutura simples, porém devem ter um enredo mais elaborado quando são contados para crianças que estão na faixa dos 7 anos em diante, neste caso, eles podem ser mais complexos

COMO CONTAR AS HISTÓRIAS DOS CONTOS DE FADAS

A arte de contar histórias envolve três elementos importantes que são: o contador, o ouvinte e o conto. Cabe ressaltar que o ouvinte também precisa ser preparado para receber a história, que é o aquecimento, que tem como objetivo principal canalizar a atenção em torno da palavra do contador, criando todo um ambiente propício de unidade do grupo. Isso permite que a atenção se mantenha durante todo tempo de apresentação da história, é um requisito significativo da arte de contá-la. Matos e Sorsy (2009) complementam: “O contador é um capitão que tem o timão e pode guiar o barco, mas se o público não sopra nas velas, ele vai ratear”.

Na contação de um conto, o aquecimento faz a ligação entre dois mundos e dois tempos. Ficando de um lado, o mundo real onde o cotidiano tece nossa existência de um tempo demarcado entre passado, presente e futuro. Do outro, o mundo do maravilhoso, dos contos de fadas, construídos com a substância dos sonhos, onde somos capazes de atravessar fronteiras além da realidade permitindo que os personagens nos transportem para esse mundo encantado. Um universo povoado pelo mágico, pelas metamorfoses, pelos personagens bizarros ou fascinantes.

A arte do contador está na sua facilidade e habilidade em manejar as palavras passando para o ouvinte toda a emoção, o ritmo, entonação. A sua palavra deve emocionar, distrair e instruir. Cabe a cada professor contador, conhecer seus talentos e buscar o seu estilo próprio.

Há contadores que usam instrumentos, ritmos musicais para incrementar o conto. Outros envolvem os ouvintes num jogo interativo em torno da história que estão contando, outros utilizam só a própria voz. Nesse sentido, todos podem ser muito bons contadores, mesmo apresentando características diferentes na contação do conto e emocionam, sabem plantar em cada coração sementes dos sonhos.

O grande mérito dos contadores está em seu talento para criar, em torno da palavra do conto, um ambiente de fraternidade que possa apagar as linhas que separam as gerações, as raças e as culturas. (MATOS E SORSY, 2009, p. 140)

Ainda de acordo com Matos e Sorsy (2009), a voz tem um papel significativo na arte de contar histórias, o que se percebe é que assim como a voz pode abrir as portas divertidas do imaginário, também pode fechá-las, pois, por exemplo, uma voz monótona ajuda a ficar sonolenta a contação, e o conto é para divertir, não para dormir.

Mudar a voz imitando os personagens é uma estratégia, a qual quebra a monotonia, assim como variar a tonalidade, abaixando-a ou levantando-a, e dependendo da situação da história, falar lentamente ou acelerar o ritmo. O que se mostra é que tudo isso traz vida à narração. A respiração é um elemento importante no trabalho de voz, salientando que ela é o seu principal recurso de trabalho.

É importante deixar claro que embora a arte do contador seja a arte da palavra por excelência, não se pode negligenciar a significância da expressão corporal para a eficácia da contação da história. Não se devem empregar as chamadas “muletas de linguagem”, como: “né”, “então”, “aí”, pois estes termos podem desviar a atenção do ouvinte, também não se utilizar dos automatismos gestuais que podem colocar a perder a narrativa. Deve-se evitar ainda andar de um lugar para o outro sem que isso tenha relação com o que se está narrando; mover as mãos sem necessidade e de forma compulsiva poderá tirar o foco da história, e o que se percebe é que estes são automatismos frequentes.

A finalização da história do conto é um momento também importante, pois é hora de trazer os ouvintes de volta à realidade, terra firme e lembrá-los da sua existência. A finalização pode ser sempre a mesma, assim o contador e o ouvinte participam sempre da mesma finalização. Em cada país existe uma forma de finalizar a história, de acordo com sua cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou que as teorias propostas pelos autores estudados ocorrem na prática, principalmente em relação à importância de trabalhar os contos de fadas e promover o desenvolvimento da criança por meio do lúdico e do imaginário, próprios da fase infantil e propiciar o resgate da contação de histórias de formas variadas, para que dessa forma os alunos se familiarizem com os livros, abordando temas, relacionados ao cotidiano da criança e explorando seu universo cognitivo, favorecendo o seu desenvolvimento.

A hora da contação é importante para todos os alunos, pois quando os contos estão sendo narrados em sala de aula, as crianças parecem fascinadas.

Só ouvindo repetidamente um conto de fadas e sendo dado tempo e oportunidade para demorar-se nele, uma criança é capaz de aproveitar integralmente o que a história tem a lhe oferecer em relação à compreensão de si mesma e de sua experiência de mundo. O que se percebe é que os contos de fadas advertem a criança das possíveis consequências indesejáveis e lhe asseguram, ao mesmo tempo, que o desejo é de pouca consequência, principalmente se a pessoa é sincera nos esforços para desfazer os resultados ruins.

O herói dos contos de fadas tem um corpo que pode executar efeitos miraculosos; identificando-se com ele, qualquer criança pode se compensar em fantasia e a partir da identificação, estabelecem-se a concentração, a atenção, a criatividade, a imaginação.

Os autores pontuam a importância das narrativas dos contos de fadas, pois estas trabalham valores fundamentais para a vida da criança, sem que elas percebam, assimilam esses valores para sua vida, sendo que não é necessário frisar regras ou o que é certo ou errado de forma imposta, ela mesma fará este questionamento, já que na história estão incluídos esses valores.

O trabalho com contos de fadas possibilita o contato direto com diversos títulos de história, promovendo assim o incentivo à leitura. O material de apoio para o professor é importante, para que ele possa apresentar situações favoráveis ao aluno, de modo que sejam estabelecidos a concentração, atenção, a criatividade, a imaginação, o desenvolvimento linguístico, o auditivo e a memória, quando a criança reproduz a história ou partes dela.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil, gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1991.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- COELHO, Nelly Novais. **A literatura infantil**. São Paulo: Edições Quiron, 1984.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil**. Teoria e Prática. São Paulo: Ática, 2006.
- FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MATOS, Gislayne & SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- PATACO, Vera; VENTURA, Magda; RESENDE, Érica. **Metodologia para trabalhos acadêmicos e normas de apresentação gráfica**. São Paulo: Editora da Universidade Estácio de Sá, 2007.